

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



PORTUGUESES E INDÍGENAS: UM OLHAR PARA A DESCARACTERIZAÇÃO DO INDÍGENA E DE SUA CULTURA PELOS PORTUGUESES, POR MEIO DO ETNOCENTRISMO

Francisco Ytalo de Lima Silva¹, João Saraiva Feitosa², Maria Daiane da
Silva Sousa³ Erlânio Eryclys Neco de Souza⁴ Joyce do Nascimento⁵

Resumo: O presente trabalho pretende discutir sobre o processo de colonização, dominação e conquista das terras indígenas, por meio da prática do etnocentrismo. Sobre tudo, refletindo sobre a visão do europeu para com os nativos desde o seu desembarque em terras do além-mar no século XVI. O “etnocentrismo” é uma “prática que consiste na negação da humanidade e da cultura do outro” na acepção de Everardo Rocha. Exemplificado aqui pela figura do indígena, ou seja, o outro é tudo, menos seres humanos, isso na visão etnocêntrica do colonizador, no caso os portugueses. Portanto, buscamos para compreender essa temática a leitura de livros, artigos acadêmicos disponíveis, em bibliotecas e na internet, para o melhor entendimento dessa negação da própria humanidade dos indígenas, num processo que se deu com muita violência e coações, e tantas outras falcaturas utilizadas pelos colonizadores portugueses para a conquista deste imenso território.

Palavras-Chaves: Indígenas. Colonização. Europeus. Etnocentrismo.

1. Introdução

O processo de conhecimento, passa pelo jugo das várias leituras e interpretações, que dela fazemos, como também do momento histórico de cada situação. Entender o processo de conquista do território, que mais tarde se chamaria de Brasil, requer essa leitura crítica, desse instante e dos meios legitimadores utilizados pelos portugueses, em tal processo de colonização, como também de usurpação das terras e riquezas, que outrora estava sob o jugo indígena. Ao pensarmos sobre o arcabouço teórico que utilizaríamos na discussão sobre este tema, logo, refletimos sobre a importância de abordar sobre o etnocentrismo, a leitura do livro redigido por Everardo Rocha abriu este horizonte, pois, desde a chegada dos Europeus em 1500, a literatura que trabalha sobre os indígenas, tem sido pautada, na lógica da inferioridade dos nativos, enquanto que o Europeu é sempre retratado como um exemplo de excelente desbravador, dando lição de civilidade. Essa construção literária sobre a imagem do indígena, como sendo inferior em cultura e civilidade, tem

1 Universidade Regional do Cariri, email: ytalolima519@gmail.com

2 Universidade Regional do Cariri, email: joaosaraivafeitosa94@gmail.com

3 Universidade Regional do Cariri, email: daianesousa015@gmail.com

4 Universidade Regional do Cariri, email: erlanioeryclys@gmail.com

5 Universidade Regional do Cariri, email: joycenascimento977@gmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



contribuído e muito na invisibilização destes povos e contribuído de forma significativa na violência a eles dirigida, seja pelo Estado ou pela classe dominante. Continuando o processo de conquista das terras frente aos indígenas, o europeu logo tratou de criar formas de controle, através da catequese e criação dos aldeamentos. A catequese controlava não apenas a dimensão espiritual, mas, sobretudo a moral comportamental, os nativos que não aceitavam o sacramento do matrimônio eram fortemente repreendidos. E existia uma forte perseguição aos que não se adequavam essas práticas. Ao pensarmos sobre o arcabouço teórico que utilizaríamos na discussão sobre este tema, logo, refletimos sobre a importância de abordar sobre o etnocentrismo, a leitura do livro redigido por Everardo Rocha abriu este horizonte, pois, desde a chegada dos Europeus em 1500, a literatura que trabalha sobre os indígenas, tem sido pautada, na lógica da inferioridade dos nativos, enquanto que o Europeu é sempre retratado como um exemplo de excelente desbravador, dando lição de civilidade.

2. Objetivo

Compreender como a prática do etnocentrismo contribuiu no processo de ocupação, colonização, catequização e dominação da população indígena no Brasil. Buscar entender a história do indígenas a partir de suas produções culturais e literárias. Contribuir nas discussões sobre a importância da descolonização do pensamento, sobretudo na escolha de nossas referências teóricas.

3. Metodologia

Metodologicamente optamos por fazer um estudo bibliográfico, procedendo da seguinte maneira, após decidirmos qual enfoque abordaríamos sobre os indígenas, fizemos um levantamento de trabalhos que dialogassem na perspectiva de abordagem que defendíamos que seriam a compreensão da história indígena, não como agentes passivos, mas como povos essencialmente políticos e, sobretudo resistentes ao processo de colonização. Diante disso buscamos nos debruçar sobre estudos que trouxesse essas abordagens. A busca por esses subsídios se concentraram em bibliotecas e em sites na internet, sobretudo revistas científicas. Após, juntarmos toda a bibliografia escolhida limos e analisamos a que melhor serviria para compor as reflexões que propomos nos objetivos.

4. Resultados

Como ainda é um estudo em andamento, o que podemos apontar por hora, é que a compreensão do etnocentrismo, é bastante importante, pois, ele ainda é bastante utilizado como justificativa para suprimir e violentar nações inteiras. Everardo Rocha reforça que “este problema não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade. Talvez o etnocentrismo seja, dentre os fatos humanos, um daqueles de mais unanimidade”. Outras discussões importantes acerca do tema são discutidas por Lúcia Bettencourt (1994) no livro Índios do Brasil, escrito com base nas cartas escritas e enviadas

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: *“Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”*



por Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal Dom Manuel, ela destaca a mudança de perspectivas dos europeus para com os nativos logo após descobrirem as práticas da antropofagia e de tantas outras praticas, que o europeu via como sendo inferiores as suas. As demais reflexões são focalizadas a partir dos estudos de Marina Machado (2006), que aborda o processo de perseguição e cristianização dos indígenas, Marilena Chauí (1994) e Luis Grupione (1994). Todas as abordagens desses (as) autores (as) convergem com o que propomos no trabalho. Diante de tantas formas de desqualificação da figura indígena, enquanto seres humanos que interferem na natureza de forma, a tirar dela somente o necessário para sua sobrevivência, frente ao europeu que se mostrava bem mais avançado por ter desbravado o oceano e desenvolvido técnicas de lidar com a natureza, foi o fato legitimador para eles, se acharem no direito de dizimar milhões de índios, em nome de um progresso e de uma civilização, a seus modos, em face de isso, depois de vários séculos, continuamos em pleno século XXI com esse mesmo quadro, de dizimação dos que outrora foram maioria e que hoje é minoria, e que continuam a ser esmagados e encurralados cada vez mais, em pequenas áreas de terra, pois o processo colonizador tomou outros rumos, e hoje é expresso no modelo de agricultura destruidor, chamado de agronegócio. Dando sequência ao processo de desqualificação e rejeição da própria identidade dos índios como agentes transformadores da sua própria realidade, frente ao europeu que se mostrava bem mais preparado para lidar com a natureza e seus fenômenos naturais. Assim mais uma vez, demonstrando sua superioridade, frente ao nativo, no que tange as relações afetivas, que consistia em eles terem vários relacionamentos ao mesmo tempo. Logo os portugueses passaram a criticar fortemente o tipo de relação dos gentios, que não estava de afins com a religião deles, como os índios não se submetiam ao casamento católico nos moldes do colonizador. Suas relações eram vistas como promiscuas, pecaminosas, e atreladas ao demônio, apesar disso os colonos por mais que criticassem a moral indígena, possuíam valores totalmente deturpados, pois a maioria tinham várias amantes e viviam casamentos de fachadas.

5. Conclusão

Por ser um trabalho em andamento, até agora percebemos o quanto é importante à desconstrução de nosso pensamento sobre as populações indígenas. Quanto ao etnocentrismo, vemos que ele é uma pratica bastante utilizada atualmente. Por enquanto essas são nossas conclusões sobre essa temática, e nisso continuamos a reproduzir o que foi forjado desde a chegada dos europeus em solo americano. Essa construção literária sobre a imagem do indígena, como sendo inferior em cultura e civilidade, tem contribuído e muito na invisibilização destes povos, que tem sofrido violência cotidianamente, tanto do Estado quanto de ruralistas que querem apossar-se de suas terras, para a exploração puramente econômica, sem nenhuma preocupação com estes ou a natureza.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



6. Referências

BETTENCOURT, Lúcia. Cartas Brasileiras: Visão e Revisão dos Índios. IN: GRUPIONE, L. D. B. **Índios do Brasil**. 2, Ed. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1994. p 39-47.

CHAUI, Marilena. 500 Anos Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro. IN: GRUPIONE, L. D. B. **Índios do Brasil**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1994. p 13-21.

GRUPIONE, Luis D. Benzi (org). **Índios dos Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1994.

GRUPIONE, Luis D. Benzi et al. As Sociedades Indígenas no Brasil Através de uma Exposição Integrada. IN: **Índios dos Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1994. p. 23-28.

MACHADO, Marina M. **A TRAGETÓRIA DA DSETRUIÇÃO: Índios e Terras no Império do Brasil**. Niterói, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é etnocentrismo**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.